



# CONGRESSO PAULISTA DE GASTROENTEROLOGIA

**Análise e comparação do grupo radiológico de Rezende e o Índice de Massa Corporal de pacientes diagnosticados com megaesôfago chagásico em hospital terciário de Goiânia, GO**

Arthur Marot de Paiva<sup>1</sup>; Gabriel Baêta Branquinho Reis<sup>1</sup>; Pedro Henrique de Ávila Perillo<sup>1</sup>; Diogo Henrique Saliba Souza<sup>1</sup>; Joffre Rezende Filho<sup>1</sup>

1. Universidade Federal de Goiás

# INTRODUÇÃO, OBJETIVO E MÉTODO

**Introdução:** Desde 1960, o grupo radiológico da esofagopatia chagásica de Rezende vem sendo utilizada para classificar essa comorbidade de acordo com a magnitude da dilatação, atividade motora e tônus do esôfago, sendo o grupo I conceituado com dificuldade de esvaziamento e leve hipotonia até o grupo IV que apresenta dilatação. intensa do esôfago<sup>1</sup>. Ademais, sabe-se que os principais sintomas desses pacientes são relacionados à alimentação, os quais são mais frequentes em pacientes do grupo III e IV, podendo ser um fator de risco para esses pacientes terem um Índice de Massa Corporal (IMC) mais baixo se comparados à população em geral<sup>2</sup>.

**Objetivo:** Analisar a relação entre o IMC e o grupo radiológico de Rezende.

**Método:** Trata-se de um estudo observacional analítico retrospectivo em que se avaliou os prontuários dos pacientes com megaesôfago chagásico de 2010 até 2020 do Hospital das Clínicas da UFG. Os dados obtidos foram tabulados e analisados pelo Excel, utilizando o Teste t de Student com nível de significância de 5%.



# RESULTADOS

**Resultados:** Foram analisados no total 337 pacientes que possuem uma média de IMC de 23,44( $\pm$ 4,53). Destes, 102 são do grupo I radiológico, possuindo uma média de IMC de 24,37( $\pm$  4,54), 121 são do grupo II com média de 24,20( $\pm$ 4,53), 69 são do III com média de 22,27( $\pm$  4,54) e apenas 45 são do grupo IV com média de 21,03 ( $\pm$  4,59). Ao se aplicar o Teste t de Student para realizar a comparação entre amostras independentes, observou-se diferença significativa entre os grupos I e III, I e IV, II e III e II e IV com um p-valor  $<0,05$ . Nos grupos I e II ( $p=0,39$ ) e III e IV ( $p=0,07$ ) não houve diferença significativa com p-valor  $>0,05$ .

# CONCLUSÃO E REFERÊNCIAS

**Conclusão:** Portanto, há diferença entre o IMC de pacientes dos grupos radiológicos I e II se comparados aos grupos radiológicos mais graves, III e IV. Assim, é evidente que a nutrição de pacientes com megaesôfago deve ser uma preocupação de toda a equipe de saúde, visando uma alimentação que melhore a qualidade de vida dos pacientes.

## Referências:

- 1- Rezende J M de, Lauar K M, Oliveira A R, 1960. Aspectos clínicos e radiológicos da aperistalsis do esôfago. Rev Bras Gastroenterol 45: 247-260.
- 2- Rezende et al., 1963. The endemic south american megaesophagus. Clinical aspects of endemic megaesophagus. 2nd World Congress of Gastroenterology. Munich, 1962, 1: 6974.





**OBRIGADO**

**E-mail para contato: [arthur\\_marot@hotmail.com](mailto:arthur_marot@hotmail.com)**